Riacho Doce

LUIS ANTONIO GONÇALVES

Riacho Doce

SÃO PAULO
EDIÇÃO DO AUTOR
2024

Título: Riacho Doce

Copyright © Luis Antonio Gonçalves, 2024

Capa
Luis Antonio Gonçalves Netto

Todos os direitos reservados, incluindo
o de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Gonçalves, Luis Antonio
Riacho Doce / Luis Antonio Gonçalves.
São Paulo: Ed. do Autor, 2024.

Ficção. Literatura brasileira

DEDICATÓRIA

Este livro dedico em especial a minha amiga Soraya Felix, que além de ser uma grande incentivadora, colaborou comigo na organização e edição deste livro.

Meus agradecimentos à minha esposa Maria José e ao meu filho Evandro Luis que me ajudaram na revisão dos textos e na elaboração desta história.

Apresentação

Prezado leitor, inicialmente, a ideia era fazer uma homenagem aos membros das minhas famílias, mas após escrever as primeiras linhas, passei a contar uma história imaginária, adaptada no período pós-Segunda Guerra Mundial, onde a economia dependia muito da comercialização do café, considerado o "ouro verde". Os personagens da família Silveira e família Pereira são reais, embora estejam com nomes fictícios e os personagens da família Giovanni, bem como os todos os outros personagens que aparecem no desenrolar da história, são criação da minha imaginação, bem como os lugares citados no romance.

Convém ressaltar que os diálogos que aparecem na narrativa foram considerados dentro de um contexto vocabular das conversas praticadas na época, como os apelidos de gordo, bolo fofo, quatro olhos que seriam impraticáveis nos dias de hoje, mas que na época eram levadas em tom de brincadeiras e camaradagem.

Para facilitar a leitura, relacionarei os nomes dos personagens das famílias.

Família Garcia:
Chicão
Catarina (casada)
Leopoldo
Bento
Joaquim
Marlene
Joana
Guta (casada)
Rui Carlos

Família Pereira:
Sebastião/Tião Preto
Idalina (casada)
Aristides
Maria
Gildo
Ercília
Pedro
Rita
Euclides
Vitória
Aparecido/Cidão
Mario
Augusta/Guta (solteira)

Família Giovanni:
Francesco Giovanni /Dom Giovanni
Luísa
Cecílio
Noemia
Paulo
Lucia

Família Silva:
Seu Tibúrcio
Maria Pimenta
Silvio
Idalina (solteira)

Família do Nelson:
Nelson
Isolina
Tico Sapateiro/Pitão

Catarina (solteira)
Angelina
Licinha

Paraíso Latino
Lolita
Nestor
Celsinho (prefeito)
Juanito
Lucy
Plinio
Artur/Apolônio
Florindo
Jovelino
Dr. Mauricio Terra
Dr. Fragoso
Orlando
Michelle
Tiffany
Judith

Outros Personagens:
Moacir Turquinho
Pintado
Tio Sebão
Dona Cotinha
Zé Manquinho
Seu Irineu.
Lurdinha

Pesquisadores:
Stephanie
Lucas e Sofia

Prólogo

Uma enorme explosão, seguida de uma grande bola de fogo, sacudiu a cidade de Riacho Doce. Em seguida, uma escuridão completa. A população assustada saiu à rua. O prédio onde funcionava a Cooperativa dos Cafeicultores ardia em um fogo alto, queimando boa parte da safra de café ali guardada para ser vendida no momento oportuno. A corporação do Corpo de Bombeiros era pequena e despreparada para enfrentar um desastre daquele tipo, e o pouco que conseguiram fazer foi descarregar o caminhão-pipa da cidade. Riacho Doce estava completamente sem energia.

Distante dali dois jovens estavam mortos, com cabos de alta tensão cortados, chicoteando no ar. Ao lado do corpo de um deles, uma grande tesoura. Havia sido um ato criminoso. Uma quadrilha já vinha agindo na região, roubando fios da rede elétrica para vender o cobre em uma fundição da capital. A polícia local, com apenas dois soldados, não tinha como investigar os crimes, mas era imperativo descobrir os culpados.

O prejuízo foi imenso. Centenas de sacas de café foram queimadas, o barracão parcialmente destruído e a subestação que estava sendo construída onde ocorreu a explosão, foi o estopim do incêndio. No lugar restavam apenas ferros retorcidos, tijolos espalhados e madeiras queimadas pela ação da explosão. Os comerciantes, fazendeiros e a população faziam pressão sobre o prefeito Celsinho, que estava impotente diante do acontecido.

Ele solicitou apoio da capital e durante vários dias, Riacho Doce ficou sem energia, e um grande desânimo abateu-se sobre a cidade. Fazendeiros que esperavam lucrar com a venda da safra agora choravam desesperados por não terem como pagar as despesas com o banco. Muitos teriam que entregar suas

propriedades, que foram hipotecadas como garantia do empréstimo.

Em outro ponto da cidade, assustados com o acontecido, Cecílio estava com seus comparsas, discutindo o que havia dado errado na noite anterior. Era para ser apenas mais um roubo de cabos elétricos e não aquela tragédia. Ele, filho de fazendeiro, também havia prejudicado sua família com a ação que seu grupo havia realizado.

O delegado Mauricio Terra, homem temido pelos bandidos da capital, foi chamado pelo governador para resolver a onda de roubos que estava acontecendo em toda região. Mas a história começa muito antes.

Livro 1
As Famílias

Capítulo 1
Os pesquisadores

Em 2010, dois entusiasmados pesquisadores, Lucas e Sofia, decidiram fazer um documentário sobre a cidade de Riacho Doce, e suas inúmeras fazendas de café para um documentário sobre o café no Brasil que estavam desenvolvendo. Eles ouviram falar de uma historiadora chamada Stephanie, conhecida por manter um arquivo valioso sobre a cidade, contendo registros históricos desde o ano de 1900. Eles decidiram procurá-la.

Lucas e Sofia encontraram um acolhedor espaço no coração de Riacho Doce. Era uma casa estilo colonial de dois pavimentos, restaurada para ser a biblioteca pública do município no primeiro piso e no andar superior havia uma enorme sala onde estava o escritório da Stephanie e mais três outras salas, uma usada para reuniões e outra usada como cozinha, um lugar onde professores, alunos em pesquisa ou alguma autoridade utilizavam para se servirem de café, água e alguns biscoitos, que a copeira Dona Ana, mesmo quando não estava, deixava prontos. A terceira sala era onde estava todo o arquivo da historiadora.

Stephanie, uma mulher de estatura mediana e olhos brilhantes, era também escritora e recebeu os pesquisadores com um sorriso caloroso. Havia escrito três livros e antes de se dedicar inteiramente às pesquisas, lecionava literatura inglesa para uma escola local. Era apaixonada por literatura e estava entusiasmada em receber dois pesquisadores em seu espaço repleto de livros e memórias. Ela os convidou a acompanharem até a cozinha e ofereceu chá e biscoitos enquanto eles compartilhavam suas ideias e planos para o documentário.

Quando retornou à sua sala, Stephanie, que era uma verdadeira autoridade quando se tratava da história de Riacho Doce, perguntou:

— Pelo que me escreveram, vocês estão planejando fazer um documentário sobre a história do café e a importância de Riacho Doce neste tema?

—Sim, respondeu Lucas — Eu e a Sofia estamos fazendo um estudo para um documentário sobre a história Riacho Doce. Estamos fazendo inúmeras pesquisas sobre a história do café no Brasil e planejamos publicar um livro sobre este produto considerado o ouro verde e aqui estamos nós. Queremos que você nos mostre e conte tudo sobre este lugar. Nosso tempo é o seu tempo.

— Stephanie, posso chamá-la assim? — perguntou Sofia

— Claro, fiquem à vontade.

— Bem, o propósito de nossa pesquisa não é focar somente na história da cidade, seus fundadores. Essas informações são mais fáceis de conseguir. O que queremos que você nos conte são as histórias que aconteceram, os personagens que interagiram com a cidade, principalmente no período pós-guerra — concluiu Silvia,

- Será um grande prazer apresentar para vocês toda documentação que disponho desde a fundação de Riacho Doce, mas é importante ressaltar que este lugar que estamos agora era uma simples vila com algumas casas e pequenas fazendas na região. Peço que tenham tempo e paciência para anotar tudo, especialmente a partir de 1945, quando Riacho Doce passou por uma grande transformação. Aconteceram inúmeras histórias e personagens que se entrelaçam e contribuíram para a cidade se tornar o que ela é hoje.

Durante os dias seguintes, Lucas e Sofia passaram horas no escritório de Stephanie, vasculhando os arquivos e registros meticulosamente organizados pela historiadora. Eles encontraram fotografias antigas, cartas escritas à mão, mapas e documentos que traziam à vida a história de Riacho Doce de uma forma única. Cada item encontrado contava uma pare da história, revelando os

acontecimentos e as pessoas que moldaram a cidade ao longo dos anos.

A colaboração com Stephanie foi além de suas expectativas. Além de fornecer informações valiosas, ela os ajudou a estabelecer contatos com outros moradores mais antigos da cidade que compartilharam suas histórias e memórias que deram forma ao documentário, revelando a magia e o mistério de Riacho Doce.

O trabalho conjunto dos pesquisadores e da historiadora foi uma abordagem autêntica e emocional. Trouxe à tona uma grande história, de amor, crime e ódio, que Stephanie, com os dois pesquisadores curiosos, começou a contar a história de Riacho Doce.

Capítulo 2
Chapadinho

Chovia muito naquela manhã. A cidade, incrustada ao pé de uma colina, sofria bastante com as chuvas. As lavouras quando não ficavam destruídas devido à erosão, perdiam a capacidade de produção pelo excesso de água. A fazenda da família Silveira ficava a cerca de quinze léguas do povoado de terra batida, chamado Chapadinho. Havia uma parte plana, onde se concentrava a praça da cidade, a igreja, um pequeno comércio, os bebedouros para os cavalos e a venda do Tio Sebão.

Tio Sebão, cujo nome somente alguns sabiam, era Benedito Flores, mas adquiriu o apelido por conta de uma gordura que passava no cabelo, ostentando com orgulho sua vasta cabeleira, considerando já que completara mais de setenta primaveras. Gordo e baixinho, era a alegria das crianças, para quem sempre tinha uma bala, e dos homens, que ao final de cada tarde, se debruçavam no balcão do bar e bebiam aquela cachaça especial que o Tio Sebão preparava. Era de cor amarela, e dentro dos vidros de pinga, tinha os mais variados acompanhamentos, desde pimenta e raízes. Chamava atenção a garrafa que tinha uma cobra-coral dentro.

A venda do Tio Sebão era muito simples: um balcão feito de madeira bruta, dois tamboretes, uma mesa com quatro cadeiras, uma velha geladeira e, ao fundo, uma prateleira cheia de garrafas de cachaças de marcas diferentes. Ele dizia que não as vendia por preço algum, pois era uma coleção pessoal. Diziam que ali tinha garrafas com mais de trinta anos. Os nomes eram sugestivos, como "Chifre de Noiva", "Corno na Noite de Núpcias", "Rabo Quente", "Arrebenta Peito" e outras marcas engraçadas. Tinha um baleiro sobre o balcão, com vários tipos de balas e uma prateleira onde eram expostos os produtos que estavam à venda.

Era um local de vida pacata e encontros, onde as pessoas se reuniam para tomar uma caninha especial e colocar a conversa em dia.

Do outro lado da rua, havia o armazém da Dona Cotinha, onde a maioria das cidade comprava fiado. Seu Afrânio, o marido dela, reclamava da atitude da esposa.

— Mulher, um dia este povo não nos paga.

— Marido, você é um idiota. Desse jeito, eu cobro o preço que quiser no final do mês.

Dona Cotinha, embora uma senhora simples, era ótima em matemática e colocava os preços dos produtos comprados assim que o freguês vinha pagar. Todo mundo reclamava que estava caro, mas no dia seguinte, todos voltavam.

Ao lado, tinha a farmácia do Seu Irineu, que além de farmacêutico, era também o único médico do vilarejo, embora não fosse formado. Na emergência, ele também atuava como o dentista do povoado. Tinha remédio para tudo e suas fórmulas milagrosas mantinham o povo saudável. Quando alguém ficava muito doente, era levado para se tratar na cidade grande e muitas vezes não voltava. O cemitério da cidade era pequeno e cuidado com muito esmero pelo Zé Manquinho.

A igreja da cidade, localizada no centro da praça, não tinha um padre fixo. Quem cuidava da manutenção de lá também era o Zé Manquinho, que diariamente fazia a limpeza e deixava tudo em ordem para quando o Padre Diógenes, o que vinha com mais frequência rezar a missa de sábado à noite.

Zé Manquinho era como um marco folclórico da cidade. Todos que visitavam Chapadinho iam conhecê-lo. Pequeno de estatura, usava chapéu de couro, óculos de fundo de garrafa e dizia ser manco, pois havia levado um tiro de um marido ciumento. Todos riam de suas histórias, especialmente as de assombração, pois ele também era responsável pela manutenção do cemitério e afirmava que, nas noites de lua cheia, muitos mortos saiam das

tumbas e vagavam pelo cemitério. Certa vez, ele afirmou que um morto veio conversar com ele sobre um crime não resolvido, no qual ele fora a vítima. Todos se divertiam com suas histórias.

Aos domingos, na praça central, as pessoas se reuniam para colocar em dia os assuntos da semana. Um serviço de som, com apenas um alto-falante, tocava as músicas da época, sendo Vicente Celestino, Nelson Gonçalves, Orlando Silva os preferidos dos frequentadores. Também havia um serviço de som que enviava mensagens amorosas.

— Esta música é dedicada à Rosa da farmácia com muito amor. E lá vinha um modão e assim era até tarde da noite.

Havia até algumas mensagens engraçadas e enigmáticas.

— Alguém dedica esta música para alguém como prova de muito carinho

A economia de Chapadinho dependia exclusivamente da agricultura, onde as fazendas que circundam o município tinham grandes plantações de café e muitos rebanhos de gado, tanto para abate quanto para produção de leite. Era esse mercado que oferecia empregos para quase todos os moradores, que, com seus salários, movimentavam o pequeno comércio local.

Nos finais de semana, sempre nas primeiras horas do sábado, era montada uma feira livre na praça central, onde os moradores das fazendas vinham com seus produtos para vender ou trocar. Era uma mistura de sacos de feijão, queijos, hortaliças, fumo em corda, palha para cigarro, rapadura, mel, enfim, tudo que era produzido artesanalmente era vendido nesta feira. Ali se destacava a figura do Chicão, um homem alto, forte, que atraia os olhares das moças solteiras e a inveja dos rapazes.

A vinda esporádica de um padre a Chapadinho era devido à estrada que levava até o povoado. Durante quase todo ano, a estrada era transitável, passando por dentro de um riacho, mas com a chegada das chuvas, a cidade ficava praticamente isolada. A reivindicação do prefeito era a construção de uma ponte, que

facilitaria o acesso e o transporte das safras de café até o porto. Um engenheiro chamado Nivaldo, já havia estado no povoado para fazer um estudo, mas ainda não havia nada certo para iniciar a construção.

Quando o Padre Diógenes vinha, em seu sermão, criticava duramente a existência da Casa da Lurdinha, uma velha prostituta que mantinha um estabelecimento numa propriedade isolada do povoado, e com ela moravam algumas mulheres em fim de carreira. Mulheres que outrora frequentaram grandes cabarés e agora se contentavam com que os colonos, fugindo de suas mulheres, conseguiam pagar.

O Natal daquele ano estava próximo e o povoado de Chapadinho, composto por cerca de 3000 moradores, incluindo os que moravam nas fazendas, estava vivendo momentos de euforia. Era época de confraternização e posteriormente das comemorações mais aguardadas: a Festa do Final de Ano. Nessa festa, os fazendeiros ofereciam um grande churrasco à população em agradecimento a São João, santo padroeiro do município e ocorria a tradicional Folia de Reis.

A Folia de Reis não é apenas folclore, é uma verdadeira demonstração de fé, uma celebração da viagem que os Magos fizeram a Belém para adorar o Menino Jesus. A tradição da Festa de Reis, hoje relegada apenas a pequenas comunidades, já não tem o mesmo significado de outrora. No entanto, os moradores do Chapadinho, incluindo Chicão, Tico, Juca Sanfoneiro, Zelão das Cabritas e outros, se vestiam com trajes típicos e enfeitados com fitas verde, vermelha e amarela, representando a trilogia dos reis e os presentes ofertados. Também usavam outras cores de fitas presas no chapéu ou em uma capa, com as cores branco, rosa e azul, que lembravam a trilogia da Sagrada Família: rosa, a cor de São José, símbolo do amor e da paciência; azul, a cor do céu e da Virgem Maria; e o branco, a cor do Menino Jesus, símbolo da paz.

O grupo que festejava o Reisado era grande, com mais de quarenta pessoas que cantavam e dançavam. Eles paravam em cada casa e, seguindo a tradição, entravam e faziam uma reza, ganhavam algum agrado dos moradores e seguiam para a próxima casa. Desde que voltou a Chapadinho, Chicão ocupava o posto de Embaixador, figura mais importante dos festejos. Seus amigos se fantasiavam de palhaço, enquanto outros tocavam os instrumentos musicais. Era um ato de muita fé e dedicação ao rito religioso da Igreja Católica.

O Carnaval era comemorado com guerra das espadas de fogo, que eram foguetes feitos pelos moradores que se divertiam simulando brigas entre grupos e lançavam esses foguetes. Muitos acabavam se queimando e esses dias eram os mais trabalhosos para o Seu Irineu, o farmacêutico, que preparava um unguento especialmente desenvolvido para tratamento de queimaduras. Não havia uma noite em que ele não tivesse que atender vários guerreiros com queimaduras nos braços ou nas pernas.

Após esses quatro dias de folia teve início a quaresma. A igreja cobria todos os santos com um pano roxo e os quarenta dias de recolhimento eram todos dedicados às novenas e missas diárias. Era a única época do ano em que havia padre diariamente na cidade. Quando chegava a Sexta Feira Santa, as mulheres nem varriam a casa e até o Tio Sebão fechava o boteco em respeito à data em que os cristãos lembram o julgamento, paixão, crucificação, morte e sepultamento de Jesus Cristo.

Na noite de quinta para sexta-feira, era realizada uma procissão com centenas de tochas, que saiam da praça central e iam até um morro mais alto da cidade, onde havia uma cruz. Era a procissão do Fogaréu, que contava com quase toda população de Chapadinho.

O Sábado de Aleluia era aguardado pelos moradores da pequena cidade com grande ansiedade. Durante a semana, várias famílias confeccionaram bonecos de pano para simbolizar Judas

Iscariotes, que eram pendurados nos postes para serem malhados com pedras e paus. Era a vingança dos moradores pela traição feita a Jesus Cristo.

O Domingo de Páscoa era dedicado à missa matinal e, em seguida, as famílias se reuniam em comemoração ao início de uma nova era de fertilidade e trocavam entre eles ovos de galinhas pintados à mão que tinham o significado de uma nova vida.

O dia primeiro de abril, considerado o Dia da Mentira, era o preferido do Chicão. Ele inventou aos moradores que à noite, no ônibus que vinha de Cedrinho, uma cidade vizinha, o Lampião, estaria amarrado na traseira do ônibus. Como o povo não tinha acesso às informações e conhecia a história do famoso cangaceiro, centenas de moradores foram até a parada do ônibus, que ficava defronte ao bar do Tio Sebão, que aproveitou a ocasião para vender muitas garrafas da sua pinga especial.

Quando o ônibus estacionou, todos correram para a traseira do ônibus para observar o Lampião e aí o Chicão, rindo como doido, disse ser primeiro de abril e o lampião amarrado na traseira do coletivo era apenas para fazer a sinalização do veículo. Ele não foi visto depois desta brincadeira por vários dias em Chapadinho. Muitos queriam bater nele, mas com o passar dos dias, tudo voltou ao normal e Chicão passou a ser respeitado como o maior mentiroso da cidade.

Assim era a vida naquele pequeno povoado, onde muitas histórias aconteciam em cada casa, em cada fazenda e na Fazenda Estrela Dalva, da Família Silveira, onde moravam muitas famílias de colonos. É a partir desse contexto que a história da família Garcia e do Chicão se desenrola.

Capítulo 3
O Casamento

A Fazenda Estrela Dalva era a maior do município. A vila onde moravam os colonos tinha mais de 20 casas. A sede da fazenda era uma construção imponente, segundo se dizia, construída na época em que o trabalho era feito pelos escravos. O pé direito da casa tinha mais de cinco metros e muitas janelas para deixar a casa com muita ventilação. A varanda era ampla e as portas eram feitas com pinho de riga, uma madeira cara e rara, que exalava um suave perfume. Antes da chegada da energia elétrica, toda a casa era abastecida pela energia gerada por uma enorme roda d'água, que era movimentada pelo desvio de um córrego que passava ao lado da sede.

As casas dos colonos eram todas iguais: três quartos sem forro, piso de terra batida e portas separadas por cortinas. Em algumas casas, usavam camas com colchões de palha e em outras apenas redes. O banheiro, feito com tábuas, ficava do lado de fora, longe do poço de onde tiravam a água para todas as necessidades da família. Moravam umas cem pessoas nesta vila, incluindo as crianças e em uma das casas morava a família do Chicão.

Chicão foi um herói sem nunca ter sido. A Primeira Guerra Mundial já estava terminando, mas a economia em 1917 estava caótica, tanto que houve uma greve geral em São Paulo por melhores salários, que durou cinco dias, quando o governo da época resolveu ceder às exigências dos grevistas. Chicão, nesta época, trabalhava como empregado de uma construtora e foi um dos milhares de grevistas, sendo demitido assim que a greve terminou. Sem emprego e sem dinheiro, voltou para Chapadinho disposto a fazer qualquer trabalho. Dizia a todos que havia lutado contra o governo opressor e que havia sido um dos líderes do

movimento grevista e foi tão convincente que acabou ganhando do prefeito, uma medalha por seu feito.

— Aí, quando o deputado, que era contra a greve, partiu para cima de mim, eu o joguei no chão e bati tanto na sua cara que nem a mãe dele o reconheceria. Só parei porque o povo separou. Era mais uma bravata inventada.

Chicão, na realidade, era um fanfarrão, mentiroso e gostava de inventar histórias sobre sua participação na greve. Em 1932, quando houve o chamado para os homens participarem da Revolução Constitucionalista, Chicão ficou escondido na mata por cerca de dez dias, com medo de ser encontrado e convocado para lutar.

E assim, com suas mentiras, Chicão foi ganhando fama. Ele aprendeu a mexer com máquinas e, ao retornar para Chapadinho, usou o seu conhecimento para ser o "faz-tudo" da cidade. Ele era pedreiro, carpinteiro, encanador, mas sua maior habilidade era consertar máquinas de separar café. Todas as fazendas cafeeiras possuíam uma máquina dessas e todas precisavam de manutenção regular, então essa se tornou a vida do Chicão.

Seu parceiro fiel nas aventuras e nas mentiras era o Tico sapateiro. Eles sempre estavam juntos e um confirmava a história do outro, não importava a quão absurda fosse. Tico tinha o costume de fumar um cachimbo e o apelido de Pitão. O ponto de encontro dos dois à tarde era sempre o boteco do Tio Sebão, onde passavam várias horas jogando cartas, tomando cachaça e frequentemente embriagados.

— Bebo cachaça, mas sei me controlar — dizia Pitão, mas era apenas para justificar para sua mãe. Ele suportava bem a bebida, mas não escapava dos gritos e até mesmo de tapas na cara. Sua mãe, Isolina, uma italiana gorda, de língua afiada, sempre falava alto, gesticulando as mãos. Era a matriarca da família, dizia sempre em tom de ameaça, que nunca acontecia:

— Vagabundo, bêbado sem vergonha, um dia eu te corto no chicote.

Na manhã seguinte, tudo voltava ao normal, Nelson, marido de Isolina e seu filho iam consertar sapatos, ela as tarefas de casa e o Chicão alguma máquina de beneficiar café.

Pitão era filho mais velho do casal Nelson e Isolina. Ele tinha três irmãs: Angelina, Catarina e Licinha. Angelina já era casada com um espanhol chamado Valdomiro, um homem bravo que tinha uma pequena oficina de móveis. Licinha também era noiva de um motorista de caminhão e Catarina, a caçula da família, havia completado quatorze anos recentemente e despertava a paixão de Chicão. Eles apenas trocavam olhares, sempre vigiado por Isolina, que desconfiava das intenções de Chicão.

— Tico, eu gosto da sua irmã e quero me casar com ela — disse um dia Chicão ao seu amigo.

— Faço o maior gosto — respondeu.

— Vou conversar com seus pais e pedir para namorar a Catarina.

— Com meu pai vai ser fácil, mas com minha mãe…

— E minha irmã sabe disso? — perguntou.

— Nunca conversamos, mas sei que o amor a gente constrói — respondeu Chicão todo otimista.

— Vou à sua casa no sábado conversar com eles.

— Vou ver se preparo um clima bom para conversar.

Os dois amigos se abraçaram e foram ao Tio Sebão comemorar a mudança de apenas amigos para agora cunhados. Chicão morava em Chapadinho na casa do seu tio Francisco, um carpinteiro muito querido que ensinará muito ao Chicão. Conversando com o seu tio sobre sua ideia de pedir Catarina em casamento, foi aconselhado a pensar muito bem no assunto, pois o casamento exigia uma responsabilidade que até o momento ele ainda não havia mostrado.

— E onde você planeja morar?